



Beatificação de Pai Américo

16 de Julho, à tarde,
na Sé Catedral do Porto,
sessão solene
de encerramento do Processo

A O folhear notas para a notícia sobre o Padre Damião reparei em coincidências entre os dois servos de Deus, que ainda coexistiram neste mundo cerca de ano e meio (Outubro/87 a Abril/89), mas Pai Américo só veio a conhecê-lo, vida alta, quando já o sacerdócio os irmanava e também o ideal assumido de servir a Deus nos Irmãos, os mais pobres, os mais caídos, os mais abandonados.

Ambos tiveram vida sacerdotal breve: vinte e cinco anos o Padre Damião; vinte e sete Pai Américo. E chegaram esses poucos anos para lançar e firmar obra para o futuro!

Dezasseis anos mediaram, para os dois, a fundação das suas Obras e o nascimento para o Céu dos fundadores. A confiança na Providência Divina, a partir da sua convicção profunda de chamados a realizar obra de Deus, a ambos deu asas e audácia para voos largos em que a Graça vencida o medo natural em quem anda por tais alturas. O Breviário e um crucifixo foram as armas com que Damião se apresentou ao bom combate a que Deus o levou. Também nas acções de Pai Américo jamais houve um capital inicial, tal qual os Discípulos que Jesus enviou à missão. Era a

Continua na página 3



Padre Damião

Fez-se leproso com os leprosos

PADRE Damião pertence àquela galeria de santos perdidos pelos confins do mundo por quem já confessei a nossa particular devoção. Se não fora aquele jornalista americano que inesperadamente ouviu falar dele e deliberadamente o procurou e deu a conhecer, teria Deus de inventar outro meio para que o mundo soubesse da «Ilha Maldita», a Molokai dos Leprosos, e do seu Apóstolo. Por amor dos homens, para quem Damião de Veuster é uma referência do que pode a Fé e o amor de Deus num coração humano, é impossível que a sua vida, a sua Obra, o seu sacrifício ficassem ignorados. A sua beatificação, há dias, muito mais do que para lhe perpetuar memória gloriosa, é serviço, senão da vulgaridade que «não tem ouvidos de ouvir», daqueles que, tendo-os, encontram no exemplo do Padre Damião estímulo e fonte de consolação e de Paz.

Foi o que aconteceu a Pai Américo, como ele próprio contou:

«Aqui há duas semanas, recebi dois livros de Viseu. Arrumei o pacote e, passados tempos, abri a ver o que era. Um deles tinha por fora: 'Vida do Padre Damião'. Tomei o livro e coloquei-o sobre a mesa de cabeceira no meu quarto de dormir. Cortei as folhas. Comecei a ler muito devagarinho. O melhor da vida do santo nunca aparece na vida que os autores escrevem. Não vem. O melhor fica dentro deles. Mas há muita coisa escrita que faz bem à alma da gente. Eu tenho que a pessoa que me mandou o livro não soube, ao fazê-lo, nem agora sabe, o bem que me fez! Nós precisamos de tónicos. Ora as 'palavras consoladoras' foram recolhidas e vêm do livro em questão.

Comecei a ler, até chegar ao ponto onde o Padre Damião entrou na ilha de Molokai, naquela tarde, e se 'instala' debaixo duma árvore, com o chão por almofada e as estrelas por cobertura. Ele e setecentos e cinquenta seres desfigurados e mal cheirosos. Leprosos. A Ilha dos Leprosos.

Chegado que fui a este ponto, andei mais umas páginas, aonde vinha o projecto das realizações do incrível apóstolo. Andei mais prá frente e topei os fundos, as somas de que ele ia prevenido para dar começo a Obra tão gigantesca!: Foram o seu breviário e o seu crucifixo. Mais ainda. Viro mais páginas e encontro de como Ele, o apóstolo, prosseguia activamente e rapidamente com as obras.

'Nós, os leprosos' — assim se dirige o Padre Damião à assembleia dos seus leprosos, quando lhes falava do altar! Note-se que o Padre Damião não era ainda um leproso ao tempo em que daquela maneira se dirigia aos seus leprosos — 'nós, os leprosos'. Era o desejo de o ser. Era a força da conquista. Dentro em breve, de vários credos e até de nenhum credo, nos habitantes da ilha, todos eram do credo do apóstolo. Uma só alma, um só coração.

'Nós, os leprosos!' Era o desejo de se tornar como

Continua na página 4

BENGUELA

UM caso de ontem: Veio uma senhora estrangeira, muito aflita, à busca da solução definitiva para um garoto, encontrado, há meses, na rua. Foi em Fevereiro deste ano que ela chegou ao Lobito, de visita a seu marido, em missão oficial nesta zona.

Os garotos da rua dão logo nas vistas de quem chega pela primeira vez. Mais nesta altura em que não há escola, há mais de um mês, porque os professores estão em greve. Por isso, o número de crianças que se vêem na rua aumentou. Cada um tem e conta a sua história, ao seu jeito, que este tipo de garotos «aprende» muito na escola da rua. Daí a necessidade dum amor grande, com inteligência também, para que o dar a mão seja uma ajuda libertadora para a criança.

Foi tão grande a impressão sentida pela senhora estrangeira, diante do espectáculo dos garotos da rua, que boa parte dos seus dias era ocupada com eles à beira-mar. Também eu fui tocado pelo entusiasmo, pela alegria, pela emoção com que ela me falava destas crianças. Tive a sensação de que na sua terra, das mais ricas do

Um caso

Mercado Comum, o seu coração, a sua existência experimentou o vazio resultante do ter muitas coisas. Em contacto com o mundo pobre e miserável deu conta de que a sua vida não podia ser inútil. A riqueza espiritual, escondida em sua alma, encontrou o espaço chocante, capaz de a mobilizar e pôr ao serviço de quem nada tem e tudo espera. Estou a lembrar-me da confiança duma visita qualificada, vinda também dum país da Europa Comunitária: «Depois de ver a miséria que tenho diante de mim, a pobreza do meu país não merece tal nome».

Chegou o dia de regresso à sua terra de origem. Entre todas as crianças que conviveram com a senhora, havia uma que considerou em abandono total. Durante todo o tempo da sua estadia cá, procurou dar-lhe o necessário para a sua alimentação e vestir, confiando-a aos cuidados doutra pessoa da terra. Com a barriga cheia e o corpo agasalhado, sem outros cuidados nem outras regras, a rua continuava a ser a

grande tentação para ocupar o tempo. Percebendo esta situação, bem queria a senhora encontrar o lugar que fosse capaz de mudar o rumo da vida do seu protegido, antes de partir. Por isso veio à Casa do Gaiato.

Quem quer fazer destas crianças alguém na vida há que pôr a vida por inteiro ao serviço delas. O auxílio material não chega. É algo de muito importante para simplificar caminhos. Porém, o mais necessário e o mais difícil: uma casa de família que substitua definitivamente a rua.

A Casa do Gaiato de Benguela abriu as portas a este garoto. Dois dias depois não resistiu à força da rua que o seduzia e foi-se. Não irá encontrar quem lhe dava a comida e o vestir. Quem dera que o pouco tempo em que esteve na Casa do Gaiato tenha sido o suficiente para o fazer voltar...

- As obras da escola continuam. Quem nos dera vê-la pronta para o início do próximo ano lectivo. São tantas, tantas as crianças sem escola! O nosso trabalho é uma gota d'água neste oceano. Que seja uma gota de água viva!

Padre Manuel António



Conferência de Paço de Sousa

SERVIR — Damos graças a Deus pela acção dum cristão, que ora nos aborda por mor de alguns Pobres e respectivos servos, responsável por um Conselho Particular da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Durante a sua vida este Amigo correu mundo e ficou marcado pelos Pobres.

Hoje, aposentado e com boa saúde, dedica o seu inato espírito de serviço a quem precisa. *Diaconato* que abraça d'alma cheia, pela Força do Espírito, abrindo caminhos impenetráveis, tendo por ressonância o clamor dos Pobres.

— *Procurámos organizar mais uma Conferência Vicentina e, no primeiro encontro, fizemos logo uma colecta...! O grupo será instituído em Julho, de acordo com a Regra.*

Os olhos dele riem. A face transpõe alegria.

Curiosamente, por lá, sem dar fé, faz-se eco da singela mas profunda ideia-mensagem que Pai Américo martelou assiduamente a cristãos e homens de boa vontade:

«As freguesias são os núcleos indicados para a forma ordenada de bem servir o Pobre. Paulo de Tarso começou. Quando por lá andava, fazia peditórios para as cristandades que deixava atrás de si. Ora as paróquias são as cristandades do nosso tempo.»

Outra comunidade com pequenina equipa para servir quem precisa! Aquela pequenina e este serviço são elementos fundamentais.

Sempre *rasteirinhos*... Discretos mas vivos. Procedendo já ao levantamento de todos os que precisam, para se lhes dar a mão sem burocracia. E, na medida do possível, os necessários meios para a sua promoção moral e social.

PARTILHA — Com votos «de saúde e paz» registamos um cheque de 10.000\$00, pela mão da assinante 9708, Rua Combatentes da Grande Guerra, Coimbra. Destino: «Para o que for mais necessário e por alma de meus pais», acrescenta.

Idêntica quantia da assinante 26731, Rua das Hortas, Póvoa de Varzim.

Três mil, da «Avó dos cinco netinhos, pequenina ajuda para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», desejando «a todos as maiores felicidades com a bênção do nosso Bom Deus». Alma cristã!

Cinco mil, em cheque, do assinante 42971, de Ovar. «Se puder ser — afirma este Amigo dos Pobres — «serão para os mais necessitados, em geral os mais envergonhados».

Assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia): «Mando uma pequenina ajuda. Neste bendito mês de Maio, imploro uma Oração à Mãe do Céu para que interceda junto do Senhor para que nos esforcemos por ser construtores da Paz e, deste modo, ela reine em todos os corações. Que o amor autêntico de irmãos se estabeleça definitivamente entre todas as criaturas».

Mais uma presença, de Azeitão, assinante 25881, com

Pelas CASAS DO GAIATO

«*amigalha em cheque para um mar de necessidades. O que eu devo à Obra da Rua, mas sobretudo ao 'Famoso', ao nosso Jornal!*» — acentua. «*Tem sido o meu guia, o meu amigo. E se os resultados em mim não são o que desejaria, talvez seja porque a cabeça é dura.*»

Assinante 31104, de Lisboa, fecha a coluna: «*Envio a contribuição do costume, desejando que vá ao encontro das necessidades mais prementes daqueles a quem todos os meses penso suavizar um pouco a vida que tantos espinhos tem. Deus ilumine o meu espírito..., que só na ajuda ao Próximo encontra uma razão de Vida. Rezem por mim.*»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação da Comunidade O Gaiato — Setúbal

ENCONTRO ANUAL — Estamos a preparar o 17.º Encontro para o próximo domingo, 2 de Julho.

Serão comemoradas duas datas: O 40.º aniversário da Casa do Gaiato de Setúbal. E o aniversário da «Associação da Comunidade O Gaiato».

Assim, ao longo dos anos, repetimos o Encontro da Família dos Gaiatos. A presença de cada um responsabiliza-nos a manter a ligação entre os antigos e os actuais rapazes no espírito de solidariedade e amizade entre todos.

Sentindo no nosso coração a presença de Pai Américo, não perdemos a chama da fé. Acreditando que ele está vivo nos seus rapazes e podemos ter a certeza que estamos a cumprir o Mandamento Novo.

O Encontro terá as seguintes alterações: 1.º A reunião da Associação não se realizará, como era costume. Possivelmente marcaremos a Assembleia Geral para o mês de Outubro. 2.º Quanto ao almoço, cada um levará o seu farnel.

Com estas alterações teremos mais contactos, criaremos mais amizades, e faremos um melhor convívio.

O programa será o seguinte: 8,30 h — Concentração no Lar de Setúbal; 9,00 h — Partida em direcção a nossa Casa em Algezu; 10,00 h — Celebração da Eucaristia; 11 h — Desporto (jogo de futebol); 13 h — Almoço — Farnel; 17 h — Merenda; 19 h — Dispersão.

Américo Correia

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — Têm vindo cá excursões de várias terras: Leiria, Algés, Salvaterra de Magos, Tomar, Condeixa. No dia 4, os antigos gaiatos. Gostaríamos que continuassem a vir sempre à nossa Casa do Gaiato.

OBRAS — A zona das senhoras, por cima da cozinha, está quase pronta. Em breve iremos começar com obras na escola que tem um lindo projecto. Depois, a sala de jantar.

ESCOLA — Estamos no fim do terceiro período. E também já estamos quase de férias. Queríamos que todos se agarrassem mais aos livros para passarem de classe. Queríamos que aqueles que continuam a ter negativas, conseguissem mais positivas que negativas.

GADO — As nossas vacas estão a dar muito leite que bebemos ao pequeno-almoço. Já começámos a abater frangos para a nossa alimentação.

AGRICULTURA — Temos andado a regar a batata, a cebola e a cenoura. O milho já está grande e a batata quase boa para se arrancar... Também semeámos couves e pimentos.

CATEQUESE — Temos catequese à quarta-feira. Está quase a acabar o ano e as catequistas ensinaram-nos muitas coisas sobre a Vida de Jesus Cristo. Gostaríamos de continuar, mas não pode ser.

Nuno (Pinta) e Manuel António

PAÇO DE SOUSA

VISITAS — No dia 11, recebemos uma excursão de Gondomar. E outras, de outras localidades. Todas com muito interesse em conhecer a nossa Obra.

OBRAS — Os trochas estão agora ocupados na casa 4 r/c, pois acabaram o serviço no primeiro andar.

ESCOLA — Temos bastantes fichas para fazer durante uma semana. Escrevo no dia 12 de Junho. E já entregámos algumas «fichas finais», para se avaliar o aproveitamento de todos e cada um.

PEDIDOS — Pedimos aos nossos Amigos e Leitores do *Famoso*, caso tenham, um

computador com boa capacidade de manobra.

Há cinco rapazes inscritos num curso de informática. Obrigado.

FÉRIAS — As férias aí estão e quase toda a gente da nossa Casa pensa na praia. Alguns irão até lá, mas outros não...

AGRICULTURA — As batatas estão boas. É um produto indispensável à nossa alimentação. Brevemente serão colhidas e guardadas em sítio adequado para a sua conservação.

OFERTAS — Recebemos muitas e boas ofertas do hipermercado Continente e também de pessoas amigas. Agradecemos a vossa generosidade.

CONTENTOR — Mandámos mais um contentor para Angola, destinado a Benguela. Leva coisas importantes para o dia-a-dia dessa nossa Comunidade. Saudações para todos, a começar pelo nosso Padre Manuel António.

«Cato»

FUTEBOL — Como sempre, é notícia em nossa Casa.

No dia 4 de Junho os juvenis defrontaram uma equipa da Associação P. de Oliveira de Douro. Foi a estreia dos nossos miúdos, que demonstraram um bom futebol e ambição de quererem chegar mais alto. O resultado não deixa dúvidas: ganhámos por 16-2.

Em 11 de Junho, a nossa equipa sénior defrontou a formação de Ordins (Penafiel).

Esperávamos um bom jogo, mas não correu bem. Houve muita dureza e o espectáculo tornou-se muito feio. Não contávamos com isso. Muito vergonhoso. Resultado final: 4-2, a nosso favor.

Quanto ao torneio, em Galegos, afinal não teve início no dia 10, mas no dia 18 de Junho.

Repórter X

TOJAL

FESTAS — Já terminámos a *tournee*. Por onde quer que passámos, recebeu-nos um público maravilhoso. Estamos contentes de ter levado uma mensagem às pessoas que assistiram às nossas Festas. Agora só restam uns sonhos, de novos números, para as futuras Festas, se houver. Agradecemos, por fim, a tudo e todos.

ida para a nossa casa de praia, situada em Sintra. O nosso Padre Cristóvão pensa distribuir os rapazes por três grupos.

Joaquim Miguel F. Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Infelizmente, mais uma vez, revelamos um caso triste. Trata-se do casal Maria do Céu, agora instalado numa casa, usufruindo de condições que outrora não dispunham, como alguns electrodomésticos fornecidos com a preciosa ajuda dos leitores.

Quando estava tudo a correr bem, acontece que a Céu deu entrada num hospital, do Porto, com um esgotamento. A vida está difícil e, com o marido reformado por invalidez, três filhos menores para alimentar e dar a educação conveniente, de facto, é uma árdua tarefa. Assim a Céu tinha que trabalhar de noite num lar da 3.ª idade e, de dia, durante a semana, tarefas domésticas em casa de diversas senhoras. Com o *stress* quotidiano e quase sem tempo para descansar e preparar uma alimentação razoável é impossível uma pessoa aguentar-se por muito tempo. A Céu, repetimos, teve um esgotamento, devendo permanecer internada durante um mês.

Como agravante, de momento, o ambiente familiar também não ajuda, uma vez que o casal tem tido várias discussões por dificuldades de ordem social e económica. Já pediram apoio ao Serviço Social, cuja assistente disse que, infelizmente, não pode ajudar por escassez de verbas.

OFERTAS — Registamos algumas, do calçado à alimentação. Para não nos habituarmos sempre a ser alimentados, cultivamos legumes e há sempre boas colheitas. Mas não quero dizer que nos deixem de oferecer coisas... Que agradecemos com muita amizade.

FUTEBOL — O desporto mais adorado cá em Casa. Praticado nas horas livres e dias de descanso (sábados à tarde, e domingos todo o dia). Esperamos, agora, no Verão, praticá-lo muitas vezes.

AGRICULTURA — Agora temos mais gente disponível para o campo. E modernizámos o regadio dos laranjais, através dum sistema de rega, extensivo às hortas e terrenos da batata e fava. Com estes novos métodos esperamos tirar maior proveito do que cultivamos.

OBRIGAÇÕES — Haverá, com certeza, mais pessoal a trabalhar nas tarefas de Casa, agora no Verão. Poderemos fazer os mais variadíssimos trabalhos. Assim como também teremos horas livres para outras actividades.

PISCINA — Após o fim das aulas do 7.º, 8.º e 9.º anos, começámos a limpar a piscina e, em seguida, enchemo-la. Será o nosso entretenimento nas férias, depois de um dia de trabalho, assim como também a

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 45872, 5.000\$00. Assinante 26040, 10.000\$00. Assinante 26152, 5.000\$00. Anónimo, 5.000\$00. M. Conceição, 1.500\$00 e mencionou bem o nome da nossa Conferência de S. Francisco de Assis composta só por casais gaiatos. Deus vos ajude a todos.

Casal vicentino

PENSAMENTO

Trazemos os dons de Deus em barro tão quebradiço, que num instante podemos ficar sem nada.

PAI AMÉRICO

Associação de Antigos Gaiatos do Norte CONVITE

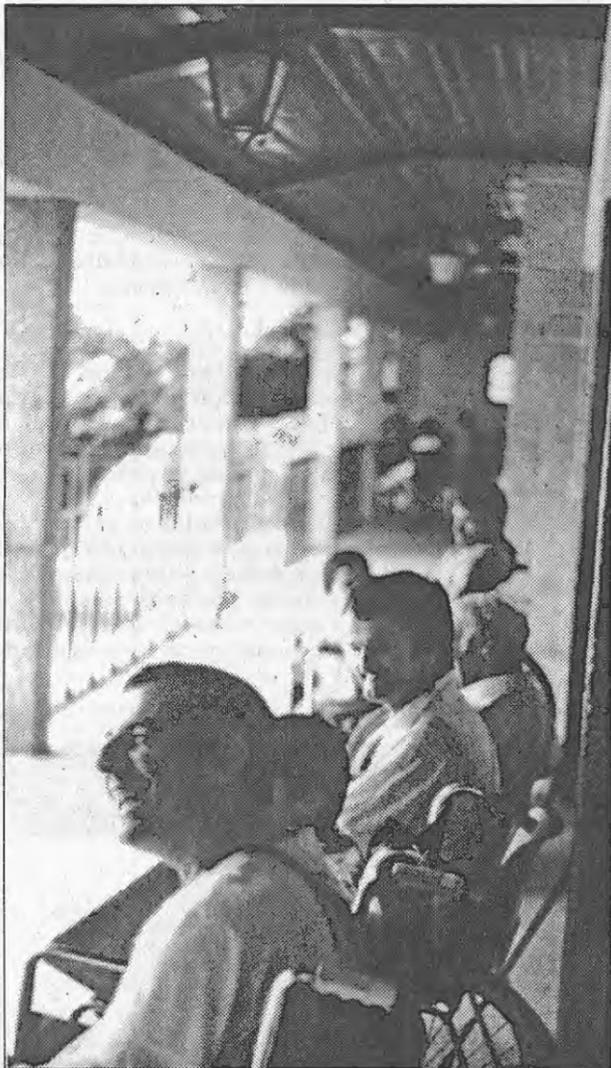
No próximo dia 16 de Julho, domingo à tarde (hora a indicar na próxima edição), será encerrado o Processo de Beatificação de Pai Américo, com destino ao Vaticano.

Uma cerimónia muito rica para todos nós. Por

isso convidamos os antigos gaiatos a estarem presentes naquela sessão solene, expressando assim o nosso grande amor a Pai Américo, como Homem, como Padre, como Santo.

A ele devemos aquilo que somos.

Fernando Marques



Calvário

Gosto do entardecer...

A manhã foi de recados. A tarde, de preocupações internas, de conhecimento de problemas a urgir solução a que nem sempre ou raramente podemos responder com afirmativa.

Destas novidades diárias resulta uma certa angústia para quem as conhece e para quem as fica a conhecer.

Desço à quinta e tenho na minha frente os campos vastos e verdejantes. Procuro uma pedra e sento-me.

A tarde é de sossego na natureza.

O céu azul cinzento é rosa rente aos montes, onde o sol acaba de esconder-se.

O vale, largo e verde, cobre-se dum manto diáfano de paz. Nada mexe.

Um passarinho passa por mim a piar, procurando um galho onde pernoitar.

Gosto do entardecer. É o momento da maior serenidade do dia. O silêncio começa a ouvir-se. A natureza a esfumar-se lenta, tranquilamente.

Quem tem doentes como nós, em fins de vida, encontra aqui o maior argumento para lhes dizer que o fim não é tragédia, mas a altura melhor e

derradeira para encontrar a Paz.

Vou aprendendo com a Tia Adelaide

A tia Adelaide, nonagenária, apareceu-me há tempos pedindo para ficar connosco.

Sempre desejou findar os seus dias em Casa de Pai Américo. Não tem ninguém. Ter, tem, mas é como se não tivesse.

E ficou.

Goza de lucidez perfeita.

De manhã, após o pequeno-almoço, dirige-se à rouparia para ameigar a roupa e dobrá-la com carinho. Depois, dá um salto à cozinha e ajuda nos preparos hortícolas. E refeitas as forças com o almoço, anda pelos jardins varrendo, alindando. Ao cair da tarde pega nas contas e reza serena, à sombra das carvalhas frondosas e acolhedoras.

É um mar de paz esta mulher!

Ela tem a sabedoria do entardecer calmo, inteligente, cristão.

Aqui sentado, vou aprendendo com a tia Adelaide a apreciar o cair do dia em cada dia, com a certeza de que a manhã regressa sempre, e de Ressurreição se a vida é Calvário.

Padre Baptista

Processo de Beatificação de Pai Américo

Continuação da página 1

própria acção, começada em fidelidade ao impulso do Espírito, que desencadeava os meios que lhe eram necessários. Nada de milagristos! Antes testemunhos de um Deus próximo dos homens, que é Pai, e não dá pedra ao filho que justamente lhe pede pão. Ele que é infinitamente bom e onnipotente!

Não admira, pois, a sedução que Damião exerceu no Américo; como seria ao invés se aquele o pudesse ter conhecido.

Agora conhecem-se. Participam em unidade perfeita do Bem comum que é a felicidade celestial. Do Padre Damião podemos já dizê-lo sem qualquer timidez, uma vez que a Igreja falou. De Pai Américo esperamos poder dizê-lo igualmente logo que a Igreja fale.

Para que Ela fale, será preciso um estudo cuidadoso, laborioso, da documentação (treze resmas de papel ela enche!) que vai ser enviada para Roma.

Em 16 Julho, à tarde, na Sé Catedral do Porto, sob a presidência do seu Bispo, será a sessão solene de encerramento desta fase do Processo, com o fecho e lacragem das caixas que hão-de levar os documentos à última instância: Congregação das Causas dos Santos.

Esperamos que seja um momento de grande encontro para a grande Família, de dentro e de fora, que o sacerdotado de Pai Américo gerou e fez crescer.

E se até aqui foi sempre tempo propício à oração, agora é a hora em que mais nada nos resta senão «esperar activamente», rezando.

Padre Carlos

Assistente social

Lia com agrado o vosso jornal que comprava no final da Missa ao domingo. Mas como esse tipo de distribuição terminou, solicito a respectiva assinatura, pois a sua leitura é para mim tão preciosa e necessária. É que eu sou Assistente Social e necessito desses exemplos que relatam para nortear a minha profissão, consolidarem a minha fé e confiança no Senhor e a caridade aos irmãos segundo os princípios evangélicos. Sou, pelos méritos do Senhor, católica, empenhada nos valores normais da religião cristã, mas sinto-me por vezes adormecida, senão mesmo confusa, mediante as exigências da nossa sociedade actual e carências de toda a ordem em que vivem tantos nossos irmãos. Tantas vezes as soluções são difíceis senão mesmo quase impossíveis. E a verdadeira caridade também é difícil, pois pressupõe a anulação de valores sociais materiais que são também em certa medida os nossos valores. E a Obra da Rua é um exemplo para todos nós, para a nossa sociedade, numa perfeita doação de

Cartas

vida aos irmãos que não requer para si contrapartidas e exige sacrifícios sobre-humanos que só o auxílio divino pode sustentar.

Assinante 62898

Apelos à nossa consciência adormecida

Bem haja pelas mensagens que ao longo do ano nos chegam através do nosso Famoso, e que trazem alertas e apelos à nossa consciência tantas vezes adormecida.

Assinante 9993

Alimento material e espiritual

Mando como que uma migalha do 'Grande Alimento' material e espiritual que a vossa generosidade vem distribuindo por tantos carenciados. Que Deus vos ajude, inspire e dê muita coragem.

Assinante 26672



Sinais de esperança em alguns concelhos do Litoral: realojamento dos sem-casa e demolição de barracas.

Património dos Pobres

Sinais de esperança

QUANDO há cerca de dois anos fomos visitar estas ruínas de casa antiga e nela encontramos abrigados um número de muitas famílias ficámos abismados com tal situação.

Colhemos a notícia de véspera, em diário do Norte, e ficámos duvidosos se naquela cidade nova, em progresso, haveria famílias e famílias a viver naquela miséria.

Na véspera tinha chovido e com muitos buracos no telhado e o soalho já muito roto, encontramos montes de roupa suja nos cantos. Os pobres habitantes tinham de procurar os lugares mais enxutos para viver.

Entre as famílias havia muitas crianças que procuravam abrigar-se e a roupa mal chegava para todos.

Dali fomos ao encontro do pároco da

freguesia pô-lo a par da situação e que transmitisse o recado aos vicentinos e chamasse a atenção dos autarcas da terra e que não perdessem tempo. Se necessário nós iríamos a reunião que se fizesse. Soubemos pouco depois que os autarcas estavam empenhados em dar solução a todas as barracas e abarracados e, para isso, estavam a construir muitas casas.

De novo, há dias, voltámos àquele lugar e vimos que já lá não se abriga ninguém. Foram todos alojados em residências camarárias.

Sinais de esperança! Vivemos aquela tarde confiantes. Já tínhamos notícias do bom andamento daquele Município e da boa acção do seu presidente. As novas construções e novas ruas dão testemunho. Dá gosto passar por aquela nova cidade.

No concelho vizinho, o presidente da Câmara tomou a peito a demolição de barracas. Ele a mandar construir

casas e alojar nelas os abarracados. É um gosto vê-lo à frente das máquinas que vão destruindo. Era todo um concelho inundado de arremedos de habitação e está a ficar limpo.

Ontem, ao ler o jornal, deparámos com a alegre e tão desejada notícia, relativa a uma Câmara de cidade do Centro do País que vai construir mais um bairro de duzentas e dez habitações. Segundo declaração do vereador responsável «estes apartamentos destinam-se em primeiro lugar ao realojamento de famílias que vivem em barracas».

Por outras notícias que nos chegam, temos conhecimento que há, no País inteiro, muitas Câmaras Municipais empenhadas na solução de dar abrigo decente a todos os desabrigados. Sinais de esperança que muito nos confortam!

Padre Horácio

ENCONTROS em Lisboa

Nem sempre os acontecimentos mais badalados são aqueles que maior significado têm

A nossa vida está cheia de acontecimentos e nem sempre os mais badalados são aqueles que maior significado têm. Por vezes, participamos em acontecimentos que só significam aos olhos da fé por que o resto é silêncio.

Em 29 de Maio fui convidado a participar na Eucaristia, na Casa das Irmãzinhas dos Pobres, em Campolide. Era o Louvor e a Acção de Graças. As irmãs Mercedes e Maria Teresa celebravam 60 anos de Profissão Religiosa. Quiseram renovar os seus votos de há sessenta anos. Foi uma maravilhosa alegria e serenidade, firmes nos

seus propósitos de origem, como se tudo tivesse o encanto de um início de caminhada aventureira.

Louvido seja Deus por nos ter dado estas duas irmãs assim firmes na sua fé, entregues à missão de acolher, aconchegar, escutar, animar os irmãos mais pobres nos bens, na velhice, na doença e, quantas vezes, apenas ricos na solidão. Ali, à volta do altar nos encontrávamos de mãos vazias sem saber o que oferecer a Deus. Estavam ali, à nossa frente, os dons que Deus nos tinha concedido: a vida destas irmãs. Olhando para a Casa cheia que têm, podemos imaginar quantas pessoas passaram pelas suas vidas ao longo de todo este tempo, quantos momentos de carinho, quantas preocupações, quantos gestos de amizade, quantas palavras de esperança as suas vidas semearam.

Estes momentos constituíram para mim ocasião de reflectir sobre o sentido da vocação consagrada: chamamento de Deus;

resposta livre do homem; tarefa a realizar para o bem dos homens marcada pela Boa Nova do Reino. Creio que no trabalho vocacional se deveriam utilizar mais testemunhos de homens e mulheres que, muitas vezes no silêncio, realizam de forma feliz a sua vocação. O testemunho dá conteúdo ao chamamento. A sua realização feliz aponta caminhos.

Que me perdoem os responsáveis pelos secretariados, mas este ano achei completamente vazio o cartaz da semana nacional de oração pelas vocações. Senti mesmo alguma irritação, porque ele parecia uma tentação de Deus. Então, a vocação é um atirar-se para um abismo, provocando Deus a estar lá com a sua mãozinha, a fim de nos amparar e a gente aí se espreguiçar tranquilamente?

Estas irmãs irradiam a alegria de se terem deixado encher pela Boa Nova de Jesus Cristo, talvez loucura aos olhos do mundo, mas as suas vidas estavam também cheias de compromissos que assumiram com os

seus irmãos os Pobres. A ressurreição estava presente, mas o martírio também passou pelas suas vidas.

Fez-me bem estar presente. Que Deus as continue a abençoar no seu trabalho de um silêncio cheio de vida e esperança.

Nota final

Terminámos, por este ano, as nossas Festas. Foi um tempo de muita alegria vivida pelos nossos rapazes. Aquela vontade de ir espalhar a sua mensagem, o tentar dizer às pessoas os problemas que os afligem, o mostrar de quanto são capazes. Muitas pessoas os acolheram muito bem. O nosso muito obrigado a todos os que quiseram estar connosco nas diferentes terras por onde passámos e também o nosso muito obrigado a todos os que se empenharam para que nada nos faltasse.

Padre Manuel Cristóvão

SETÚBAL

Festas

ESTAMOS a terminar o nosso período de Festas. O seu peso de mensagem, de beleza, de criatividade e de arte não se desvanecerá facilmente dos corações. Disto temos a

certeza. A experiência ensina-nos que cada espectáculo de um ano é propaganda para o seguinte. Quem foi «apanhado» dificilmente se tresmalha. As salas enchem-se. Esgota-se o espaço, pois nas últimas representações acrescentaram-se muitas cadeiras e

houve gente que assistiu de pé encostada às paredes.

As Comissões põem o problema de arranjar outros lugares mais amplos ou de repetirmos a Festa na mesma vila ou cidade.

Outro pormenor que não nos escapa: é forma como somos trabalhados pela Comunicação Social antes e depois do espectáculo. Normalmente os nossos jornalistas tratam sempre os pobres com ares de miserabilismo; acrescentando que o produto da exibição reverte a favor da Obra. Graças a Deus que em muitas cidades isso não aconteceu. A dignidade do rapaz e o valor do espectáculo feito por eles, sobressaíam com evidência, na reflexão dos jornalistas. Não convidámos nenhum jornal, em parte nenhuma, para depois fazerem referências; mas, em muitas localidades, eles apareceram a fazer perguntas e a colher informação, tendo depois partilhado com os próprios leitores e ouvintes impressões que muito nos agradaram. Sem desmerecer nenhuma, devo salientar Aveiro, Leiria e Cascais, onde a maré cheia da Festa

transvasou para os jornais e rádios.

O Padre Américo tanto lutou contra esta mentalidade do «coitadinho», e nós na mesma rota, de bandeira erguida, quantas vezes nos sentimos sossobrar, observando que toda a argumentação e vida se desvanecem de encontro a esta mentalidade desumana que não aprecia a criança da rua pelo que é, mas pela sua condição social.

O aspecto que aos olhos desta gente costuma merecer mais realce, e nós também o não descuramos, é o rendimento económico das Festas. Os rapazes sentem-no e não me largavam enquanto não dei o «abono» das ditas. Por eles reparti 102.800\$00 sem falar nos mais velhos — mais responsáveis e mais sacrificados. Eles também precisam e merecem. A contemplação terá de ser estimulante e compensatória. Despedir-nos-emos desta azáfama em Setúbal, no Auditório da Anunciada, às 17 horas do dia de S. João, 24 de Junho.

Padre Acílio

Padre Damião

Continuação da página 1

elas para salvar cada um deles. 'Desiderio desideravi' — vem assim no Evangelho. O Leproso da Cruz também assim fez.

(...) Quem são os grandes?! Os grandes do mundo, verdadeiramente grandes, hoje que tanto se fala e tanto se espera? Quem são os verdadeiramente grandes?

Está aqui um à vista. São os que amam. São eles os vencedores. Muitos, por meio do Padre Damião, fizeram bem aos leprosos. Porém, só ele os amou. Como? Dando-se. Identificando-se.

'Nós, os leprosos!'

Iam os anos quarenta na sua derradeira metade quando Pai Américo sultou este desabafo que intitulou de «Palavras Consoladoras». E logo o Padre Damião ficou canonizado em seu coração.

A Igreja, em seu ritmo prudencial, levou mais cinquenta anos a declará-lo Beato. Não importa. Feliz já ele era nesta vida, conforme confessa a seu irmão Augusto: «Semeio a boa semente no meio de lágrimas. De manhã à noite estou rodeado de misérias físicas e morais que despedaçam o coração. No entanto estou contente e sou feliz». Como o não será, Lá onde o estado de vida é a Beatitude?!

Padre Carlos



UM PEDIDO

EU costumo ralhar e resistir aos pedidos que os nossos rapazes intentam fazer disto e daquilo... e afinal sou eu, hoje, a cair na tentação.

Velha Amiga, temendo o futuro destino de um «Calvário», com cerca de 200 anos, património herdado de pais e avós, pediu que o aceitássemos com o gosto que ela lhe tem e com que no-lo dá. É um conjunto belo em oratório de pau preto que tão bem ficará no museu de Pai Américo a representar aquele que existe na Casa do Bairro onde nasceu, também património de pais e avós, e ali deve permanecer.

Só que, há muito, desapareceu deste Santuário a imagem de Nossa Senhora das Dores que fazia par com a de S.

João Evangelista em um e outro lado do Crucifixo.

Esta imagem mede 36 centímetros; é «estofada» na pintura (não sei com certeza se é assim que se diz, só sei que é difícil encontrar hoje quem faça um tal trabalho) — é linda e de bastante valor. A de Nossa Senhora não lhe pode ficar atrás!

Já dei muitas voltas. Não encontrei o que pretendia nem escultor que a faça nem pintor que a pinte.

Será preciso dizer mais?... Ou acharei entre colecionadores de antiguidades desta natureza um bom entendedor a quem meia palavra basta?!

Padre Carlos

DOCTRINA



Ao que foge para não dar, basta-lhe essa infelicidade para merecer, em vez de crítica, compaixão.

AGORA que começou a maré dos peditórios, feitos nas Igrejas da cidade, a favor das Colónias de Campo, repete-se a observação amiga dos mais anos: — *Você podia tirar muito mais se pedisse melhor.* Querendo-se dizer com isto que eu deixo muitos lugares em branco.

Eu, porém, não leio nem entendo assim. Não se trata de réditas de benefício nem de serões de arte, tão pouco nenhum daqueles actos sociais onde se paga a entrada para gozar a festa. Não. Naquele lugar e momento (hora da Missa, na Igreja) tudo muda de feição; e os presentes, sendo os mesmos das festas mundanas, também mudam de sentimentos. Quando o pregador, depois de haver dito o que pretende, desce a pedir esmola aos circunstantes, já tem lançado no coração de todos a boa disposição de a dar; e se entre as multidões alguns há que se escondem, não serei eu quem os vá procurar. Glória a Deus nas alturas e paz, em baixo, aos de boa vontade.

TENHO deixado e hei-de deixar sempre em branco os que não quiserem chamar por mim, quando passo sem os ver. Pois se eu venho de tão longe para lhes fazer bem, que muito que eles arrisquem um passo e um pobre «tome lá» em paga do que lhes dou?! Não; não leio nem entendo assim. A esmola que não for puxada do coração nem dada com alegria, não aproveita a ninguém. Mas não. São excepções, estes senhores preguiçosos. A regra é diferente. Tudo acode; todos procuram lugar ao sol. Chamam por mim, puxam-me pelo braço, sacodem as carteiras. Quem não traz dinheiro lança jóias, selos postais ou vales escritos na maré, com nome e morada. Outros mandam ou procuram no dia seguinte, num «tome lá que eu não ia prevenido».

NO último domingo, na Sé Nova, com guerra e até possivelmente por causa dela, deram-me muito mais dinheiro do que no ano passado. É um erro supor-se que «as coisas estão feias». Se olhas para o mundo, sim; mas Deus é a Beleza Incrédula! Nem tão pouco necessita dos teus pobres dinheiros para acudir às necessidades do Pobre — Ele, Senhor de tudo, *mea sunt omnia*, que dá de comer aos passarinhos... e também quer dar a ti!

VEM amanhã à Missa do meio-dia na igreja de Santa Cruz. Talvez não tenhas ainda reparado bem na rara peça de arte que é púlpito do famoso templo! Hás-de gostar. Passa palavra. Tendo em casa visitas, vem mais elas, se queres saborear a alegria dos discípulos de Emaús! — *Quem vos escuta, a Mim me escuta.*

P. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)